

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ÂNGELA MARTINS PONCE**

DISLALIA NA SALA DE AULA: IDENTIFICAÇÃO, DESAFIOS E O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE AS DIFICULDADES DAS CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL MARIA BATISTA LOPES, MUNICÍPIO DE TABATINGA-AM.

Tabatinga-AM

2022

## ÂNGELA MARTINS PONCE

DISLALIA NA SALA DE AULA: IDENTIFICAÇÃO, DESAFIOS E O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE AS DIFICULDADES DAS CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL MARIA BATISTA LOPES, MUNICÍPIO DE TABATINGA-AM.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas- UEA, como requisito para título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup> Ma.Rosi Meri Bukowitz Jankauskas

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca Examinadora

---

Nome completo do Prof. Orientador

---

Nome do Membro da Banca

---

Nome do Membro da Banca

### **Ficha Catalográfica**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

P792dd PONCE, Ângela Martins  
Dislalia na sala de aula: Identificação, desafios e o papel do professor frente as dificuldades das crianças do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Batista Lopes Tabatinga-Am. / Ângela Martins PONCE. Manaus : [s.n], 2022.  
55 f.: il.; 16 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.  
Inclui bibliografia  
Orientador: JANKAUSKAS, Rosi Meri Bukowitz

1. Dislalia. 2. Identificação. 3. Desafios do professor. I. JANKAUSKAS, Rosi Meri Bukowitz (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Dislalia na sala de aula: Identificação, desafios e o papel do professor frente as dificuldades das crianças do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Batista Lopes-Tabatinga-Am.

**Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463**

## Dedicatória

Dedico esta Monografia a minha família e amigos, que contribuíram de maneira significativa nesta longa e incrível caminhada.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida e por ter me ajudado espiritualmente a me manter sempre de pé e, disposta a vencer os obstáculos encontrados pelo caminho deste curso.

Aos meus pais e irmãs, que sempre mantiveram seus bons pensamentos e conselhos para comigo, assim me incentivando a nunca desistir.

Ao meu filho, que a cada amanhecer me proporciona alegria e forças para seguir caminhando em busca de um futuro melhor.

Aos meus colegas de turma que sempre me apoiaram em momentos difíceis.

Aos professores do curso que reconheceram a quão simples e dedicada sou.

Aos colegas de trabalho que colaboraram para a realização da pesquisa em campo.

As competências profissionais constroem-se, não somente no período de formação, mas também no cotidiano do trabalho docente. (PERRENOUD, 2000, p. 15).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I- REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	12
1.1. A dislalia, conceitos e suas origens .....	12
1.2. A linguagem como principal meio de comunicação da criança com o mundo.....	14
1.3. A Dislalia e suas características .....	17
1.4. Causas e Tratamento da Dislalia .....	18
1.5. Tipos de dislalia e suas características.....	19
1.6. Os transtornos da linguagem na criança .....	20
1.7. Os estudos científicos sobre a dislalia e as evidências na sala de aula ..	22
1.8. O acompanhamento escolar da criança dislállica.....	23
1.9. Estratégias pedagógicas para alunos com dislalia .....	24
1.10. O papel fundamental do professor na sala de aula frente a dislalia.....	24
<b>CAPÍTULO II. METODOLOGIA: CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO</b>	
<b>CAPÍTULO II</b> .....	26
2.1. Contextualização da pesquisa no Município de Tabatinga .....	26
2.2. A pesquisa: linha de pesquisa, método e técnica de procedimento .....	27
2.3. Local da pesquisa e o público da pesquisa .....	29
2.4. Tipo de Pesquisa .....	29
2.5. Técnica de procedimentos.....	30
2.6. Sistematização e resultados .....	31
<b>CAPÍTULO III- RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	32
3.1 O papel do fonoaudiólogo .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	48

## Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso, aborda a Dislalia na sala de aula: identificação, desafios e o papel do professor frente as dificuldades das crianças do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Batista Lopes, município de Tabatinga-AM.

Tem como objetivo geral: compreender o papel do professor em sala de aula, frente as dificuldades da Dislalia de seus alunos. Objetivos específicos: Identificar os alunos dislálícos na escola; registrar a metodologia que o professor utiliza diretamente a criança dislálíca; compreender as causas e soluções desse tipo de distúrbio com viés ao processo de ensino e aprendizagem. Na metodologia, utilizamos uma pesquisa bibliográfica, dissertativa, aplicação de questionários destinados a professores e fonoaudióloga. Foi uma pesquisa muito pertinente com desafios neste cenário da educação. Sabemos, portanto, que a educação municipal em Tabatinga, perpassa por essa problemática da Dislalia, no qual muitas crianças enfrentam muitas dificuldades tanto na vida social, quanto no cotidiano escolar. A Escola Maria Batista Lopes, mas precisamente na sala de aula, as crianças que apresentam dislalia, apresentam dificuldades para o aprendizado, os educadores ainda não estão preparados para atender de forma correta os impactos da dislalia, a fonoaudióloga atende as crianças que tem características da dislalia. É importante, que toda a escola e principalmente os professores conheçam as leis que regem a educação inclusiva, bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), no qual visa em seus artigos bem como a Constituição Federal de acolher a todos a terem o direito a educação. Em relação aos professores, julga-se necessário buscar alternativas educativas que possam melhorar o quadro de evolução do estudante com dislalia.

**Palavras chave:** dislalia; identificação; desafios do professor.



## Resumen

Este Trabajo de Conclusión del Curso aborda la Dislalia en clase de identificación, desafíos y el papel del docente frente a las dificultades de los niños de la Enseñanza Fundamental de la Escuela Municipal María Batista Lopes, municipio de Tabatinga-AM. Tiene como objetivo general, comprender el papel del profesor en clase, frente a las dificultades de la Dislalia del estudiante. Objetivos específicos: Identificar los estudiantes dislálicos en la clase; registrar la metodología del maestro diario; comprender las causas y soluciones del característico disturbio del proceso de enseñanza e aprendizaje. Fue una investigación muy pertinente con desafíos en este escenario educativo. Sabemos, por tanto, que la educación municipal de Tabatinga, permea este problema de Dislalia, en el que muchos niños enfrentan muchas dificultades tanto en la vida social como en el cotidiano escolar. En la Escuela María Batista Lopes, pero precisamente en el salón de clases, los niños que tienen dislalia tienen dificultades de aprendizaje, los educadores aún no están preparados para abordar correctamente los impactos de la dislalia, la logopeda atiende a los niños que tienen dislalia. Es importante que toda la escuela y en especial los docentes conozcan las leyes que rigen la educación inclusiva, así como la Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional (LDB 9394/96), que pretende en su articulado al igual que la Constitución Federal de Bienvenidos todos a tener derecho a la educación. En cuanto a los docentes, se considera necesario buscar alternativas educativas que puedan mejorar la evolución de los alumnos con dislalia.

**Palabras clave:** dislalia; identificación; desafíos del maestro.

## INTRODUÇÃO

A presente monografia é intitulada: Dislalia na sala de aula: identificação, desafios e o papel do professor frente as dificuldades das crianças do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Batista Lopes, município de Tabatinga-Am,

Os motivos que levaram a pesquisar sobre a Dislalia, foi quando em práticas de estágio fomos atuar nas regências pedagógicas na escola acima citada, o qual percebemos crianças que apresentavam dificuldades de falar corretamente as palavras, ou até mesmo não conseguiam pronunciar algumas classes de palavras, com uso da pronúncia.

A iniciativa da proposta deste trabalho decorre a partir da observação de resultados insatisfatórios do processo de aprendizagem dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental de escolas públicas do município de Tabatinga, identificados a partir dos estágios supervisionados realizados durante o curso de graduação em Pedagogia.

Com isto, surge a inquietação em saber de fato o porquê da dificuldade da fala das crianças daquela escola. A Problemática diante deste quadro, iniciou quando a pesquisadora trabalhou na área de educação como mediadora, começou a notar em algumas crianças a dificuldade para comunicar-se com o professor, logo, percebeu que elas apresentavam erros na fala, que não era normal para a idade delas, elas tinham aproximadamente entre 06 a 09 anos, surge aí o interesse de pesquisar sobre Dislalia, de onde veio a inquietação desde o 3º período. Percebemos um certo desequilíbrio na hora do ensino pelo professor, e isso chamou a atenção pela observação no despreparo que muitos professores ali apresentavam. Para tanto, este cenário foi incomodando e com isto, surgiram algumas questões que permearam os pensamentos: Qual o papel do professor frente a dislalia na sala de aula? Como está sendo desenvolvida a proposta pedagógica na escola para atender a estas crianças com dislalia? Como atender está criança conhecendo as causas e conseqüências para o processo de ensino e aprendizagem?

Todos estes questionamentos, foram vícios para o resultado deste trabalho e, que de certa forma, vai interessar a muitos professores e educadores do ensino, como referência para muitas escolas.

A pesquisa utilizada foi a pesquisa de campo e descritiva, partindo em tempo real do objeto de estudo que foi identificado e explorado.

A finalidade é apresentar os resultados da ação pedagógica do professor que está atuando com alunos dislálidos, já que a Dislalia é um distúrbio da fala que se caracteriza pela dificuldade de articulação de palavras. A pessoa com dislalia, troca as palavras por outras similares na pronúncia, fala erroneamente as palavras, omitindo ou trocando as letras. Em alguns casos, a dislalia também pode interferir no aprendizado da escrita da criança.

Levando em consideração esse tipo de distúrbio, fica claro com relação ao professor de sala de aula e os direitos de crianças, jovens e adultos que, de acordo com a Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a educação precisa atender a todos que por fim apresentem necessidades educativas especiais, como descreve o Art. 59:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: I-Curriculos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; III- Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

Posteriormente, em decorrência da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, que deu ensejo ao Decreto nº 6.949/2009, ficou estabelecido no artigo 24, item 2, "c", "d" e "e" que: Artigo 24 Educação:

[...]2. Para a realização desse direito, os Estados-Partes assegurarão que: c) Adaptação razoáveis de acordo com as necessidades individuais sejam providenciadas; d) as pessoas com deficiência recebam o apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação; e) Medidas de apoio individualizadas e efetivas sejam adotadas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena.

Estes artigos asseguram direitos que de fato podem ser garantidos numa educação inclusiva. Partindo, destes direitos é que contextualizamos neste trabalho os capítulos descritos. O referido trabalho está dividido em três capítulos.

O capítulo I, vem argumentando teorias etimológicas, conceituais, historicidade e temáticas da linguagem, da fala, do professor, das estratégias e das evidências científicas. Estes argumentos são alinhados a autores que colaboraram com as definições e conceitos acadêmicos.

O capítulo II, aborda os caminhos percorridos, o universo, o objeto de estudo, o tipo de pesquisa utilizada, as técnicas e procedimentos.

Já o capítulo III, traz os resultados encontrados por meio dos questionários que foram aplicados. Em síntese, podemos escrever que, os professores ainda se encontram despreparados para atender os alunos que apresentam certa dificuldade. Torna-se desafiador para a escola e para os educadores.

Tendo em vista que este distúrbio tem afetado inúmeras crianças em nossa sociedade, em que os pais não têm observado, e nem tem conhecimento do problema, mas que ocorre constantemente e tem dificultado a fala da criança dentro e fora da escola.

Por isso é importante que a comunidade, os pais e professores devam sempre estar atentos para qualquer distúrbio, principalmente na escrita e na fala que no caso é a dislalia, buscando averiguar se é um erro decorrente do estágio em que a criança se encontra para que haja um conjunto de observadores para solucionar e evitando assim problemas no futuro.

Nesse sentido, a presente monografia visa compreender as consequências da dislalia na criança durante o seu processo de aprendizagem. Realizado por meio de pesquisas bibliográficas, procedimentos de questionários aplicados aos professores e também a fonoaudióloga. Todo trabalho foi discutido com os autores que aportam esta temática já, em outros trabalhos vivenciados por eles e por outros pesquisadores.

Foi de extrema importância neste trabalho, termos contato com os professores e o contato em observação com algumas crianças, bem como conhecer o aluno, abordar a importância e analisar a dificuldade do distúrbio de aprendizagem no contexto escolar.

Como objetivo geral buscamos compreender o papel do professor em sala de aula, frente às dificuldades da Dislalia de seus alunos. Como objetivos específicos, apresentamos: Identificar os alunos dislálidos na escola; registrar a metodologia que o professor utiliza diretamente a criança dislálida; compreender as causas e soluções desse tipo de distúrbio com viés ao processo de ensino e aprendizagem.

Traçado estes objetivos, conseguimos almejar todos durante a pesquisa deste TCC. Assim está estruturado este trabalho. Iniciamos o capítulo I, contextualizando os itens abaixo.

## CAPÍTULO I- REFERENCIAL TEÓRICO

A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos para o mundo. (FREIRE,2000, p. 40).

O presente capítulo contextualiza o conceito da dislalia frente ao cenário da educação, percorrendo as suas origens, relatando seus transtornos da linguagem nas crianças e suas caracterizações. Descreve sobre o desenvolvimento da criança na linguagem e suas dificuldades para o processo do ensino e aprendizagem causados pelos impactos da fala. Reescreve-se sobre o aluno dislático e o acompanhamento escolar. Como teoria aporta-se aos estudos científicos e as evidências na sala de aula.

Comenta-se sobre a formação continuada de professores mediante a este transtorno, as estratégias pedagógicas acopladas para o ensino com crianças que apresentam a dislalia e qual o papel do professor na sala de aula frente a aprendizagem do aluno. Portanto, o capítulo I, constituído de uma Fundamentação Teórica, apresenta autores que regem e defendem a tese do aprendizado frente ao transtorno da dislalia.

### 1.1. A dislalia, conceitos e suas origens

A etimologia da palavra dislalia vem do grego, o termo “dys” que significa dificuldade e “lalien”, do verbo falar (LIMA, 2008). A autora Rosa Lima, comenta que:

É um transtorno da linguagem perceptível na fala e, para aqueles que a desconhecem, instala-se a crença de que o indivíduo não sabe pronunciar corretamente os fonemas por não ter conhecimento adequado da língua, podendo acarretar assim diversos problemas para o indivíduo. (LIMA, 2008, p.13)

O problema a que se refere a autora é que a criança está predisposta a um bloqueio na aprendizagem da leitura e da escrita. Ocorre que este indivíduo sofrerá um processo muito forte de desconforto também na hora da fala e as atribuições e dificuldades nas pronúncias correta das palavras.

A fala para existir está articulada a um conjunto que se inicia com a respiração até os movimentos da boca e dos dentes. A criança ao ingressar na escola, depara-se com ecolalias diversas e múltiplas nas demais linguagens que a cerca, tornando-se assim uma nova aprendizagem. Ao contrário da língua, que é mais sistemática e subjacente. Zorzi (2003, p. 10 e 11) destaca:

Aprender a falar faz parte de nossa herança biológica, hereditária. Podemos afirmar que o homem, independentemente de raça, cultura, sexo, cor, condições sociais, econômicas ou geográficas, nasce para falar. Não se tem notícias a respeito de sociedades ou grupos humanos que dominem alguma forma de linguagem oral. A capacidade de desenvolver linguagem oral é uma característica universal da humanidade, desde tempos muito remotos, resultado da evolução do homem ao longo dos tempos e que o diferencia de outras espécies. [...].

Podemos ir um pouco mais além e afirmar que, para aprender a linguagem oral, basta a criança conviver com os falantes da língua. O dia-a-dia dos bebês em suas casas, sendo cuidados por seus pais e outras pessoas, propicia condições naturais e espontâneas para que muitos deles, já por volta de seu primeiro aniversário, comecem a usar as primeiras palavras. O meio em que a criança está inserida também é um fator contribuinte para a fala das crianças.

Com isto, a linguagem desta criança passa a ter um vocabulário maior, com riquezas de palavras novas, mas, mesmo assim, se ela estiver com dificuldades, é importante que o contexto escolar e a família observem as características apresentáveis na dificuldade da fala.

Um dos distúrbios da fala é a dislalia que, de acordo com Menezes, Souza e Silva (2013, p. 67) consiste em “[...] um distúrbio que acomete a fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras, provocando fala errônea das palavras, acontecendo a omissão ou troca de letras.”. Souza e Fontanari (2015) explicam que esse distúrbio é bastante comum na sociedade e que pode interferir no aprendizado da escrita.

A partir da citação dos autores acima, percebemos que o distúrbio caracterizado pela dificuldade da fala pode acarretar muitos problemas para o aprendizado do aluno. Afirmam que é bastante comum em pessoas da sociedade.

A fala pode ter uma série de distúrbios, porém a dislalia segundo Silva (2013, p. 67), “é um distúrbio que acomete a fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras, provocando fala errônea das palavras, acontecendo a omissão ou troca de letras”.

Diante disto, a dislalia ocorre também pela troca de fonemas, no uso da pronúncia das letras, um pressuposto para uma nova origem na troca de letras idênticas. Se a criança troca as letras por dificuldade em articular as palavras, esta pode ser acompanhada pelo professor ou pedagogo da escola, atribuindo a forma correta de pronunciar.

Assim a autora nos apresenta uma origem desse distúrbio, esclarecendo que a fala pode ser prejudicada devido a troca ou omissão de letras, no qual a pessoa não consegue produzir uma fala adequada devido a articulação entre língua e dente. Portanto, apresentamos a primeira origem deste distúrbio, assessorada pela autora. Segundo José, Coelho (1993, p. 47 e 48), que é uma abordagem mais psicológica, a dislalia: “Trata de falhas na articulação, cuja origem pode ser orgânica (defeitos na arcada dentária, lábio leporino, freio da língua curto, língua de tamanho acima do normal) ou funcional (a criança não sabe mudar a posição da língua e dos lábios)”.

Observamos no parágrafo acima que a dislalia também é um quadro clínico, porque há uma necessidade de atender as crianças com profissionais da área da saúde, a qual vão encaminhar para o professor, o nível em que cada criança se encontra para poder junto a parte pedagógica complementar o trabalho para a qualidade a ser executada pelo professor.

Já, para Eberhart e Caduro (2013), a dislalia é o transtorno de linguagem mais simples de identificar nas crianças, pois é uma das dificuldades de aprendizagem mais sérias. Para as autoras acima, o processo da dificuldade de aprendizagem torna-se mais séria para o processo da aprendizagem, porém, elas consideram que é muito mais simples identificar a origem da dislalia nas crianças.

As autoras explicam que a Dislalia é uma dificuldade mais fácil para identificar, pelo fato da pronúncia das palavras, quando percebemos a troca de letras, ou substituições das letras durante a fala.

Essa sugestão pode ser usada na escola, para colaborar com os professores quando eles forem ter a semana pedagógica de sondagem.

A função da escola é diagnosticar por meio da sondagem inicial na sala de aula, todas as problemáticas encontradas nas dificuldades dos alunos, em se tratando da dislalia, é preciso entender sobre a linguagem, a qual estaremos dando ênfase no próximo tópico.

## **1.2. A linguagem como principal meio de comunicação da criança com o mundo**

Muito antes de começar a falar, a criança está habilitada a usar o olhar, a expressão facial e o gesto para comunicar-se com os outros. A linguagem pode ser visual, gestual, dependendo de como a criança vai se proceder mediante qualquer informação.

Para mim a “origem” da linguagem é questão tão legítima quanto qualquer outra questão de “origem”. Isso quer dizer que ela possui aquela limitação que é central a qualquer dessas questões: é preciso saber o que queremos dizer por “origem” o que queremos dizer por “origem” da linguagem. (ROSENSTOCK-HUESSEY, 2002, p. 37).

Colaborando com o autor, a linguagem é a capacidade do homem de se comunicar, dependendo da sociedade, da cultura, do conviver de casa e da sociedade.

A partir do momento que cada sociedade consegue ter a importância da linguagem, ela começa a crescer como forma de expressão, então gera a coerência, a capacidade da comunicação entre todos e a forma de organização desta sociedade. Portanto, a criança inserida na sociedade de origem, passa a compreender a utilidade da linguagem entre si. Quando a criança organiza a informação ela apresenta também a capacidade para discriminar precocemente os sons da fala. (MENEZES, 2020, p. 67).

No entanto, pode haver que uma criança domine mais de uma língua, a sua, considerada a língua materna e a segunda língua. Na fronteira de Tabatinga, as crianças que também são estudantes, em sua maioria dominam duas línguas: a espanhol (Peru e Colômbia), a indígena e a língua portuguesa. De certa forma, quando as escolas recebem os estudantes, já existem essa diversidade de línguas.

Ao longo da história, a linguagem foi necessária para desenvolver uma comunicação complexa, abstrata e precisa. Assim, para entendermos como ocorre a dislalia, necessariamente teremos que entender sobre linguagem. Quando produzimos a fala desde o nascimento, articulamos uma série de músculos da boca, incluindo a língua e os dentes, portanto, sabemos que a nossa fala produz uma escrita, a qual estaremos desenvolvendo de acordo como falamos. (ROCHA, 2019, p.58).

A comunicação é a riqueza de um povo, quando há uma comunicação resolve inúmeros problemas dentro de qualquer sociedade. Nas épocas primitivas, o ser humano buscou se comunicar para sua necessidade, desde a época das cavernas, nas escrituras e também nas figuras rupestres deixadas e registradas nas pedras. Era uma forma de registros e de comunicação na época nativa. (BORBA, 2029, p. 34).

Sem a linguagem seria impossível compreender a necessidade de fala do outro. Pesquisas diversas comprovam que todos os animais possuem linguagens e meios de se comunicar com seus grupos por intermédio de sons ou gestos. E o ser humano também necessita da linguagem.

Quando se trata de descoberta, pensamos que as crianças quando ingressam na escola, evoluem pela comunicação, pela forma de se expressar e conviver. As



crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental possuem uma rica linguagem, porque cada criança já chega a escola com seus hábitos linguísticos, a forma de falar e se comunicar, agregando mais o vocabulário aos outros, gerando a aprendizagem (REVISTA NEUROPEDIATIRA, 2019).

Colabora Martins (2011, p. 5):

Afirma que a linguagem como função comunicativa se estabelece como ponto central das interações sociais, possibilitando a materialização de outras inúmeras funções, em outras palavras, é o fator primordial para a evolução dos seres humanos, pois é por seu intermédio que acontece o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

A autora ainda, salienta as funções psicológicas como uma ligação conjunta do pensamento da criança. Gerando assim a informação da comunicação, numa visão psicológica. “Para esta discussão vamos apoiar-nos em Vygotsky, a perspectiva deste autor conclui que todos os fenômenos devem ser estudados como processos em movimento e mudança”. (SOUZA, 2010, p. 124).

Por este processo o autor, vai mais além, que as funções dos processos mentais são divergentes quanto ao pensamento e a fala.

No parágrafo anterior, Souza conclui que a criança possui processos mentais superiores tais como: atenção, percepção que, quando associados ao conjunto psíquico gera um resultado de assimilação, acomodação e equilíbrio. Porém, não descarta a hipótese que não alteram mudanças na fala, mas que alguns destes processos podem gerar um desequilíbrio para a fala e a escrita.

Os símbolos destacados no texto acima, trata-se de signos linguísticos, interpretação e que o mesmo tem sua etapa em cada idade.

O processo de aquisição da linguagem envolve o desenvolvimento de quatro sistemas interdependentes: o pragmático, que se refere ao uso comunicativo da linguagem num contexto social; o fonológico, envolvendo a percepção e a produção de sons para formar palavras; o semântico, respeitando as palavras e seu significado; e o gramatical, compreendendo as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases compreensíveis. (NASCIMENTO, 2007).

O aluno com dislalia pode não conseguir relacionar todos os sistemas acima, requer muita atenção destes elementos para que se desenvolva a linguagem. Os sistemas fonológico e gramatical conferem à linguagem a sua forma. O sistema pragmático descreve:

A “origem” da linguagem é questão tão legítima quanto qualquer outra questão de “origem”. Isso quer dizer que ela possui aquela limitação que é central a qualquer dessas questões: é preciso saber o que queremos dizer

por “origem” o que queremos dizer por “origem” da linguagem. (ROSENSTOCK-HUESSEY, 2002, p. 37).

O parágrafo acima trata especificamente que a linguagem em si é bastante difícil de definir, já que tem, por exemplo, expressões transitórias que não deixam rastros, nunca é inerte, muda com o tempo, é infinitamente flexível e quase globalmente presente.

### **1.3. A Dislalia e suas características**

A Dislalia é uma desordem na pronúncia (articulação) causada por deficiências orgânicas ou funcionais dos órgãos periféricos da fala, que consiste na impossibilidade de pronunciar corretamente um ou vários sons (combinações de sons). Não inclui comprometimento da fala devido a fatores neurológicos ou outros. No entanto, há uma visão bastante ampla que Dislalia em crianças é um fenômeno transitório que se passa com a idade. (EBERHART, 2013, p. 33).

Nesse contexto, vamos iniciar uma apresentação de conceitos sobre Dislalia, com vários autores específicos da área. Citamos: Eberhart e Cauduro (2013, p.10): “Na dislalia surge uma alteração na fala, onde há imprecisão articulatória afetando padrões de produção de sons da língua, relacionados as fases de programação e ou execução neuromotora. Esta ocorre quando a criança está começando a falar”.

Colaborando com a citação acima, podemos perceber que a dislalia dependerá também de um atendimento clínico, para que a escola venha desenvolver os padrões pedagógicos encaminhados na resolução dos problemas enfrentados pelas crianças.

Estas crianças podem apresentar um quadro de dislalia. Mas é necessário que se tenha um acompanhamento pediátrico. Sabemos que nossas crianças, mesmo as que ingressam na creche, elas não possuem atendimento clínico, para diagnosticar quadros que podem ser transtornos de linguagem. (CARVALHO, 2000, p. 78).

O termo dislalia, refere-se as dificuldades em pronunciar certos sons, que podem ocorrer em crianças de diferentes idades. Existem crianças que têm dificuldade de perceber auditivamente os sons. Quando apresenta este quadro, podemos perceber que já não é mais a área pedagógica e, sim área clínica, o que de fato acarreta em procurar uma equipe multifuncional, que contribua com o professor. (CARVALHO, 2000, p. 98).

O município de Tabatinga, oferta um Centro Integrado de Educação Especial, este centro atende crianças com várias necessidades educativas especiais. Portanto, há uma equipe pedagógica que desenvolve este trabalho com as crianças que ali estudam. Dentre estes profissionais, há o fonoaudiólogo, que colabora com o treino da fala e outros.

Segundo Lima, (2008, apud Souza, 2016, P.7):

Estudos conduzidos por fonoaudiólogos demonstram que na dislalia ocorre, normalmente, a substituição do som /R/ por /L/, pois ocorre "(...) alteração de padrões articulatórios que conduzem a realizações sonoras de sistema linguístico.

Observa-se que as crianças que tem dislalia precisam ser acompanhadas pelos fonoaudiólogos. É um processo de enfrentamento pela criança, como se fosse reaprender a falar e a pronunciar.

Para Menezes, Souza e Silva (2013, p.67), apresenta como conceito que: "Dislalia é um distúrbio que acontece na fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras, provocando fala errônea das palavras, acontecendo a omissão ou troca de letras". Já Souza e Fontanari (2015) explicam que esse distúrbio é bastante comum na sociedade e que pode interferir no aprendizado da escrita.

Percebe-se, que as definições dos autores são convergentes, pois, concebem a dislalia como uma disfunção de linguagem perceptível na pronúncia inadequada das palavras e que, de acordo com as novas classificações internacionais de diagnóstico de transtornos mentais, é um distúrbio dos sons da fala.

O momento certo seria pela idade de três anos e meio, quando as crianças começam frases que falam. Se você descobrir que é difícil de entender a fala do seu filho, a ajudar deve ser feita imediatamente.

#### **1.4. Causas e Tratamento da Dislalia**

A dislalia é uma causa existente em muitas escolas e podem ser auxiliadas também pelos pais. Quando as crianças começam a falar, geralmente tem dificuldades em pronunciar as palavras, certas letras e até mesmo sílabas ou fonemas. (CHASTY, 2019, P. 48).

Talvez porque as crianças entram em uma fase de conhecimento do diálogo, aprendendo novos vocabulários, com palavras e sons diferentes, o que se torna normal. Assim, a criança com o passar da idade cria amadurecimento, e aos quatro anos de idade já consegue articular e pronunciar palavras corretas. Se por ventura,

os pais e professores, perceberem que ainda não ocorreu a pronúncia da fala, é necessário que a criança seja levada a um especialista. (CHASTY, 2019, P. 69).

Para cada criança, tem-se um procedimento diferente, mas, em geral, o fonoaudiólogo atua, na terapia, sobre a falha e a dificuldade, usando, de preferência, meios lúdicos para ampliar a possibilidade de utilização dos sons, até que a criança se sinta segura. (JAKUBOVICZ, 1993, p. 66).

Nesse contexto, falamos da aquisição da linguagem como parte fundamental para o desenvolvimento das atividades psicológicas, daquelas habilidades que nos caracterizam como espécie e que, no futuro, nos ajudarão a resolver problemas complexos, fazer cálculos mentais, organizar nossas atividades diárias, trocar ideias entre seres humanos e tantas outras habilidades. O fonoaudiólogo Raul Agudo cita quatro motivos ou tipos associados à sua origem, que podem ser levados em consideração, no qual gerou uma classificação dos tipos de dislalia. (JAKUBOVICZ, 1993, p. 66).

### **1.5. Tipos de dislalia e suas características**

Assim como as demais necessidades educativas especiais, a dislalia apresenta suas características. Neste tópico vamos apresentar algumas características.

**Dislalia evolutiva:** A dislalia evolutiva ainda não pode ser considerada uma patologia em si, uma vez que, como o próprio nome indica, a habilidade da linguagem, para parâmetros comuns, ainda está em evolução. Portanto, alguns erros são aceitáveis. No entanto, eles podem servir como um ponto de partida para prevenir futuros distúrbios de linguagem. Alma Acunã e Alba Jimenez, afirmam que este tipo de dislalia ocorre na faixa etária de zero a quatro anos, é uma idade ainda que se pode esperar mudanças, uma vez que está em fase de desenvolvimento. (JAKUBOVICZ, 1993, p. 66).

**Dislalia audiógena:** Como o próprio nome indica, partindo do princípio de que a linguagem é uma habilidade multissistêmica, o segundo tipo de dislalia refere-se a um deles, o sistema auditivo. Tem como foco o correto funcionamento dos órgãos que compõem o referido sistema; portanto, é imprescindível realizar exames especializados para confirmar ou descartar o mau funcionamento dos mesmos. Se a pessoa não ouvir bem, terá problemas para reproduzir corretamente os fonemas, e

isso já é classificado como dislalia. Portanto, sua atenção deve estar voltada para a resolução dos problemas auditivos. (JAKUBOVICZ, 1993, p. 66).

**Dislalia orgânica:** O terceiro tipo de dislalia está associado aos órgãos envolvidos na pronúncia correta dos fonemas. Deixou de ser parte do desenvolvimento ou de um problema de audição, e passou a ser consequência de um defeito ou malformação de um órgão que participa da fala. As áreas mais frequentemente afetadas são lábio, palato, língua e dentes, as quatro zonas que permitem o ponto e o modo de articulação fonêmica. Os exemplos mais comuns são: fenda labial e/ou palatina, frênulo lingual e deformação dentária. DSM-V (2014, p. 55).

**Dislalia Funcional:** Ocorre quando há substituição de uma letra por outra na hora da fala, acrescentando ou distorcendo o som da palavra. DSM-V (2014, p. 56).

**Dislalia Audiógena:** Ocorre em casos de deficiência auditiva, onde a pessoa não consegue repetir o som. DSM-V (2014, p. 57)

Vale ressaltar que não se deve falar errado com a criança. Caso ela faça uma pronúncia incorreta, é recomendado que você a corrija sutilmente, pois incentivar a fala errada pode estimular o desenvolvimento do transtorno de linguagem. (JAKUBOVICZ, 1993, p. 66).

## 1.6. Os transtornos da linguagem na criança

O desenvolvimento adequado da linguagem é um dos fatores fundamentais para que o desenvolvimento infantil ocorra de forma harmônica em todas as esferas, seja do ponto de vista social, relacional ou ao nos referirmos à aprendizagem formal. A aprendizagem formal é aquela que recebemos no seio familiar, onde aprendemos primeiramente sobre tudo. Com as primeiras experiências familiares no uso da linguagem é que contactamos com o mundo de vocabulário e de palavras. (YAVAS, 1989, p. 58).

Sabe-se que o uso da linguagem é construído na sua forma de organização interna. A partir da vivência, da cultura, dos modos, a linguagem vai então apropriando-se da compreensão. Entretanto, não são incomuns problemas que podem interferir neste processo. Os problemas enfrentados na verbalização da linguagem, podem se proceder de diferentes fatores, esses fatores podem ocorrer de alguns transtornos. (YAVAS, 1989, p. 58).

O transtorno do desenvolvimento da linguagem (TDL), já existiu diversos termos desde 1822, com as primeiras descrições de crianças com dificuldades. Durante a primeira infância, por não conhecer as palavras e fonéticas corretas, é comum que a criança comece a falar errado, trocando algumas letras e até mesmo inventando novas combinações. (YAVAS, 1989, p. 58).

Para que a criança desenvolva o falar corretamente é necessário que haja um auxílio tanto dos pais que estão presente no seu cotidiano como dos professores que são mediadores da formulação das frases ditas pela criança. Segundo Piaget:

A criança nasce com uma capacidade inata de aprender, e o conhecimento e desenvolvimento da criança dependem de estímulos externos, ou seja, exposição ao meio. Para que se adquira conhecimento, deve haver uma transferência e conseqüente assimilação, de forma que o professor e mediador da aprendizagem" (1988, p. 45).

A importância da linguagem está justamente no fato de que ela torna o processo educativo mais eficaz, pois proporciona ao aluno situações e momentos mais envolventes e dinâmicos. Por meio do diálogo, da conversação, da prosa, da poesia, da música, etc.

Através dessas situações dinâmicas os alunos podem então não só desenvolver como também explorar os seus próprios instrumentos comunicativos e sociais.

Quando a criança apresenta, dificuldade no meio comunicativo, é importante criar estratégias pedagógicas e também clínicas. O primeiro passo é encaminhar a criança a um especialista adequado, enquanto isso na sala de aula, o professor pode ajudar seus alunos com problemas de fala através de um trabalho paciente que envolve: observação, o contato com os pais e sua atitude frente ao distúrbio. Toda prática de prevenção, de avaliação e de tratamento das disfunções languageiras e comunicativas na criança apoiam-se em uma ou várias teorias de referências que dizem respeito ao desenvolvimento da linguagem na criança sem distúrbios.

Portanto, sabemos que a linguagem é o meio de comunicação mais presente na vida de um ser humano, é pela linguagem, que compreendemos o mundo em nossa volta, seja visual, gestual e observatório. No próximo item descrevemos sobre os estudos científicos voltados a temática da dislalia.

### 1.7. Os estudos científicos sobre a dislalia e as evidências na sala de aula

Os estudos científicos sobre dislalia precisam e necessitam estar agregadas ao clínico, ao especialista e ao pedagógico. O autor Ripper (1963 apud Jakubovicz, 1997), enfatiza que após um estudo realizado sobre os erros que eram constantes nas dislalias, observou que havia erros no contato, na velocidade, na estrutura, duração ou direção, força e sonorização do contato da língua. Isso devido a criança dislalia apresentar respiração e pressão intraoral dos movimentos de forma incorreta, bem como os mecanismos velofaríngeos não funcionando ou funcionando de forma deficitária.

O processo de aquisição da linguagem escrita, assim como o da linguagem oral, envolve diversas regiões cerebrais, entre elas a área parieto-occipital. Na região occipital, o córtex visual primário é o responsável pelo processamento dos símbolos gráficos, e as áreas do lobo parietal são responsáveis pelas questões visuo-espaciais da grafia. (BUENO, 2020, p.31.)

Essas informações processadas são reconhecidas e decodificadas na área de Wernicke, responsável pela compreensão da linguagem, e a expressão da linguagem escrita necessita da ativação do córtex motor primário e da área de Broca. “Para todo este processo ocorrer, é importante que as fibras de associação intra-hemisféricas estejam intactas”. (SPINELLI, 2014, p.171).

O mundo moderno onde vivemos atualmente exige que aprendamos uma série de habilidades, entre elas a leitura e escrita, que são importantes para que novas descobertas sejam alcançadas. Por meio dos estudos é que muitos seres humanos conseguem almejar seus sonhos e objetivos. Para que, os estudos se tornem compreensíveis é, importante que compreendamos a leitura e a escrita.

Como somos pessoas diferentes no mundo, assim, todos nós podemos apresentar dificuldades no desenvolvimento durante a aprendizagem e as fases da nossa vida. (PUGLISI, 2019). Porém, nem todos os indivíduos conseguem alcançar esse aprendizado na fase escolar, devido a fatores variados que impedem essa aprendizagem. Entre esses fatores existe um distúrbio chamado dislalia, que impede a natural aprendizagem da leitura e escrita, que se apresenta de forma mais clara nos primeiros anos do ensino fundamental. Este e outros distúrbios como disgrafia, dislexia, atenção, bem como outros que fracassam, a aprendizagem.

Nesse contexto, o presente trabalho se desenvolve no sentido de definir o que é dislalia<sup>1</sup>, apresentando as suas características e sintomas, assim como seu tratamento e o papel do educador em sala de aula frente a esse problema de aprendizagem.

Quando produzimos a fala desde o nascimento, articulamos uma série de músculos da boca, incluindo a língua e os dentes, portanto, sabemos que a nossa fala produz uma escrita, a qual estaremos desenvolvendo de acordo como falamos. É um processo que abrange a respiração, as ligações das sinapses aos neurônios. E se houver algum distúrbio na fala, isso poderá afetar a escrita. Assim, muitos estudantes apresentam este problema na sala de aula, o que de fato é um tema de grande importância para uma investigação propicia a um trabalho de curso. (CORREA, 2007, p.140).

### **1.8. O acompanhamento escolar da criança dislállica.**

De acordo com a literatura, para definir o que atualmente se chama de dificuldades de aprendizagem, são usados a “lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, hiperatividade, dificuldades perceptivas, dificuldades de linguagem, dislexia, distúrbios de aprendizagem psiconeurológicos” com Correia (2007, p. 157). O autor ainda cita,

[...] Dificuldades de aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio, ou habilidades matemáticas. Estas desordens são intrínsecas ao indivíduo, presumivelmente deve-se a disfunções do sistema nervoso central e podem ocorrer ao longo da vida.

Problemas na auto regulação comportamental, percepção social pode existir com as dificuldades de aprendizagem, mas não constituem por eles próprios uma dificuldade de aprendizagem.

Embora as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições desvantajosas (handicapping) (por exemplo, dificuldades sensoriais, deficiência mental, distúrbios emocionais sérios) ou com influências extrínsecas (tais como diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada), elas não são o resultado dessas condições ou influências (ICLD, 1987, p.222 apud CORREIA, 2007, p. 161).

É preciso uma equipe multidisciplinar, para atuar mais de perto na escola. Nesse sentido, a escola precisa estar próxima do aluno para conseguir identificar as dificuldades de aprendizagem.

---

<sup>1</sup> É um transtorno da linguagem perceptível na fala e, para aqueles que a desconhecem, instala-se a crença de que o indivíduo não saber pronunciar corretamente os fonemas por não ter conhecimento adequado da língua, podendo acarretar assim diversos problemas para o indivíduo. Nesse sentido, o presente estudo visa compreender as consequências que um aluno com dislalia enfrenta durante o seu processo de aprendizagem.



Apesar da existência de muitas políticas públicas voltada para assegurar a acessibilidade dessas crianças que necessitam de um acompanhamento mais aproximado e distinto ainda encontramos casos de crianças que abandonam a escola por não encontrarem apoio, muitas vezes por professores que não possuem formação especializada ou que por não terem conhecimento do assunto utilizam-se de metodologias errôneas como os tratamentos diferenciados, que em alguns casos, muito mais atrapalha e prejudica o andamento do trabalho bem como causa atraso no aprendizado da criança.

### **1.9. Estratégias pedagógicas para alunos com dislalia**

Em relação as necessidades educacionais de crianças com dislalia, a melhora pode ser alcançada levando em consideração os seguintes passos: encaminhar para o profissional correspondente como psicopedagogo e ou fonoaudiólogo, buscar melhorar a dinâmica e a respiração da fala, fazer exercícios para controlar a mobilidade dos órgãos periféricos da fala, praticar exercícios em casa e com os profissionais para dominar a discriminação auditiva, dominar a consciência fonológica. É preciso ficar atento para verificar se o aluno não possui algum transtorno de aprendizagem, que em termos gerais se refere a condições neurológicas que afetam a aprendizagem. Para isso, é necessária uma equipe multidisciplinar para a realização do diagnóstico e melhor tratamento para o estudante. (JOSÉ, 1993, p. 88).

O educador deve buscar atividades que auxiliam as crianças com suspeita ou diagnóstico de Dislalia: As fichas ou cartelas ilustradas têm inúmeras aplicações. Com elas, o professor pode trabalhar a linguagem e a pronúncia das palavras de forma interessante e lúdica.

### **1.10. O papel fundamental do professor na sala de aula frente a dislalia.**

O professor deve encontrar melhor metodologia possibilitando o aluno o sucesso individual, por ter um papel fundamental no processo de escolarização é o facilitador da aprendizagem, ele está entre os conteúdos e a aprendizagem construtiva do conhecimento, a partir de uma abordagem de um contexto geral, estimulando o lado positivo dos alunos, focando a formação social do indivíduo. (DUARTE, et al, 2007, apud Souza, 2016).

Sabe-se que são muitos os problemas e fatores que a criança enfrenta para seu aprendizado, são problemas estes que causam bloqueio no aprendizado da criança. Torna-se importante, focar enquanto profissional de educação na formação do aluno.

Muitos educadores quando recebe o aluno em sala de aula com dificuldade de aprendizagem logo vem à mente a incapacidade de o aluno realizar a atividade. É muito comum, o professor deparar-se com as problemáticas na sala de aula, não so com dificuldades, mas de outros motivos que venha prejudicar a aprendizagem do aluno. Falar de dificuldade de aprendizagem é algo corriqueiro e comum tanto em nossas escolas como em outros lugares.

No dia a dia de sala de aula, o professor convive com as mais diversas dificuldades de aprendizagem, seja na creche, no Ensino Fundamental, médio ou na faculdade, cada aluno possui sua individualidade, não somente por suas habilidades, mas também porque aprendem de formas e em tempos diferentes.

Os educadores devem subsidiar suas práticas pedagógicas, repensando numa nova alternativa de criar condições, ou seja, construir atividades que servirão de desempenho na construção do conhecimento do aluno.

Geralmente há aqueles estudantes, que compreendem tudo apenas de ouvir o professor, já os que precisam escrever com suas próprias palavras para entender melhor e tem os que levam um tempo maior para assimilar o conhecimento. Como argumenta (SOARES, 2003,p.76): “O trabalho do professor é ajudar a promover mudanças, intervindo diante das dificuldades que se apresentam durante o processo de aprendizagem, trabalhando com os desequilíbrios e facilitando o aluno a aprender a aprender”.

Soares explica na citação acima que o professor exerce um papel primordial na formação dos cidadãos conscientes e responsáveis, pois além de atuar como gestor da aprendizagem ele promove valores fundamentais para a inserção de crianças e adolescentes no meio social.

Referenciando os autores e autoras deste primeiro capítulo, podemos teorizar a dislalia como um fator de aprendizagem, mesmo necessitando de avaliações clínicas, os professores necessitam de orientações pedagógicas.

As etimologias, os conceitos e a definição destacada pelos autores deste capítulo, contemplaram um entendimento acadêmico. O estudo salientou que as consequências estudantis causadas pela dislalia, sinaliza que os alunos precisam de um acompanhamento pela equipe multidisciplinar, para que assim, possam oferecer um acompanhamento mais adequado a cada criança.

## **CAPÍTULO II. METODOLOGIA: CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO II**

“A maior pobreza da educação não se encontra na escassez dos recursos econômicos. Ela se encontra na pobreza da imaginação”. (Rubens Alves)

O presente capítulo vem descrever de forma clara e resumidamente sobre a metodologia da pesquisa, que Segundo Menezes (2016,p.32):

A “Metodologia é a explicação minuciosa, detalhadas, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida num método (caminho) do trabalho de pesquisa”. É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado (questionário, entrevista, etc.), do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa.

A pesquisa esclarece todos os procedimentos utilizados que nortearão o trabalho, tais como: 2.1 Contextualização da pesquisa no Município de Tabatinga e linha de pesquisa; 2.2 A pesquisa: método e técnica de procedimento; 2.3. Local da pesquisa e o público de pesquisa; 2.4 Tipo de Pesquisa; 2.6 Técnicas de Procedimento; 2.5 sistematização e Resultados.

### **2.1. Contextualização da pesquisa no Município de Tabatinga**

O trabalho tem como linha de pesquisa educação, escola e sociedade, porque abrange não somente o sistema de ensino, mas, profissionais que atuam com crianças com dificuldade na sociedade, como o fonoaudiólogo.

O Município de Tabatinga é um município brasileiro, localizado no interior do Amazonas na região norte do Brasil. Que faz fronteira com: Brasil, Colômbia e Peru. Sua população é aproximadamente 65. 844 habitantes de acordo com a estimativa do IBGE em 2019, pois é o sexto município populoso do Amazonas. Economicamente é o segundo município mais desenvolvido do Estado do Amazonas. Situada na tríplice fronteira: Brasil, Peru e colômbia. Conhecida pela pluralidade e diversidade, torna-se polissêmica pela rica culinária e a cidade gêmea de Leticia. (IBGE, 2020)

Por ter uma população polissêmica, Tabatinga recebe alunos em escolas com dialetos diferentes, são crianças, jovens e adultos que usam a língua materna e a segunda língua. Fato este, que acaba também sendo uma problemática quanto a dificuldades de aprendizagem na hora do processo de ensino.

A metodologia deste Trabalho de Conclusão de Curso, iniciou com o Projeto de Pesquisa, quando traçamos o caminho que seria percorrido na pesquisa. Uma das técnicas utilizada durante a investigação para a construção do Projeto de Pesquisa foi a observação na sala de aula durante os estágios. E por atuar também como mediadora, atendendo crianças com necessidades educativas especiais. A pesquisa intitulada: Dislalia na sala de aula: identificação, desafios e o papel do professor frente as dificuldades das crianças do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Batista Lopes, município de Tabatinga-AM.

Neste capítulo vamos contextualizar o passo a passo de como ocorreu este trabalho, o caminho que se trilhou para assim alcançar os objetivos propostos. Considerando também conceito de pesquisa, de pesquisa de campo, método qualitativo, método dialético. Abordando também sobre metodologia, abordagem, procedimentos, métodos e técnicas utilizadas nesta monografia, com fins de encontrar resultados passíveis e possíveis a temática que estamos apresentando.

## **2.2. A pesquisa: linha de pesquisa, método e técnica de procedimento**

Para realizar uma pesquisa é importante conhecer conceitos do que é pesquisa. Pesquisar é uma ação voltada ao novo, ao que se quer investigar e descobrir. Foi por meio desta que obtivemos os resultados que estarão no capítulo III; Assim a pesquisa, é uma maneira de descobrir algo que se pretende conhecer ou esclarecer, é uma busca pela verdade a partir de utilização de métodos.

Portanto este estudo, nos debruçamos na perspectiva de encontrar fatores, para que assim, possamos ter resposta e argumentos em conhecer o problema e argumentar as explicações. Para melhor esclarecer o que é uma pesquisa destacamos, que de acordo com Acevedo e Nohara (2013, p.6):

Significa utilizar um conjunto de procedimentos para buscar respostas para uma questão apresentada. A pesquisa científica é objetiva e sistematizada, porque utiliza um método específico para obter o conhecimento. Além disso, a pesquisa científica atém-se apenas à realidade empírica, ou seja, ao que existe e que está ao alcance das experiências.

Foi de suma importância desenvolver todos os procedimentos e técnicas utilizadas nesta monografia, o planejamento de uma pesquisa, não é muito fácil, mas, ele organiza todos os detalhes e passos que queremos alcançar, para que a pesquisa se torne científica.

O estudo esteve no primeiro momento voltado para a pesquisa de campo (escola), a referida escola situada em zona urbana foi a base de investigação desta monografia. Primeiramente foi realizado um levantamento de conteúdo, com obras que poderiam subsidiar o norte científico deste TCC, como artigos, resumos e outras obras já publicadas, sobre o tema em questão para assim obter informações. Como determina Marconi e Lakatos (2010, p.169):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre elas.

A pesquisa de campo gera hipótese para comprovar as informações que queremos acerca de um determinado problema, seja ela em qualquer instituição ou área. Após escolher o tipo de pesquisa, utilizamos o método de abordagem qualitativo que permitiu um contato direto com o ambiente investigado. Como esclarece Gerhardt e Silveira (2010 p ,32):

Os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Os métodos qualitativos contribuem para a explicação das coisas (fatos ou problemas), as quais estão permeando na realidade do objeto de estudo que é a escola. Ter um contato com a realidade do problema para poder buscar explicações e por mais que tivesse risco nos resultados da pesquisa, esse método, traz uma compreensão mais detalhada do problema em questão.(MENEZES, 2010).

Optamos em fazer uso do método dialético, por estarmos atuando presencialmente naquele espaço real pelo fato do nosso tema está envolvido a aspectos educacionais, justamente por ser uma escola, a qualidade de ensino, que vai envolver a escola e esse método visa a realidade. Menezes (2010, p.102) que abordam o método dialético da seguinte maneira:

É o método contrário a todo conhecimento rígido- tudo é visto em constante mudança, pois há algo que nasce e se desenvolve e algo que se desagrega e se transforma. Trata-se, portanto, de um método que não envolve apenas questões ideológicas, mas parte para a investigação da realidade, pelo estudo de sua ação recíproca.

O método dialético é um método que consiste em conhecer a realidade, buscando entender as problemáticas, conhecer de perto os indicadores que causam influencia no problema em questão.

Quanto ao método, utilizou-se o método dialético, segundo os conceitos de Lakatos (2007, p.34):

O método dialético “[...] defende a importância de conhecer a realidade em sua concreticidade, contextualizando-a historicamente, compreendendo as interações entre os sujeitos em processos de ação-reflexão- ação”. Para os autores o método dialético compreende as interações entre os sujeitos a ser investigado em sua realidade concreta, principalmente no conflito de interesses na reflexão como espaço de desigualdades sociais no ambiente educativo.

### **2.3.. Local da pesquisa e o público da pesquisa**

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Maria Batista Lopes que está situada à Rua Coronel Berg, no Bairro comunicações, zona urbana do município de Tabatinga-AM é mantida pela Prefeitura Municipal de Tabatinga e regida pela Secretaria de Educação e Cultura e Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Básico (FUNDEB).

Criada pelo decreto nº 039 de 30 de maio de 1996. Situada no Bairro Portobrás teve suas primeiras ocupações em meados da década de 50, com uma concentração de poucas residências num local denominado Goiabal, hoje na atual Capitania dos Portos. Nesta área notava-se a existência de um pequeno comércio, o qual pertencia ao Senhor Mario José. Mas se tornou bairro definitivamente em 1976.

A escola oferece como nível de ensino, o Ensino Fundamental Básico, com finalidade de desenvolver nos educando a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, fornecendo meios para progredir no trabalho e em estudos. Oferece também a modalidade de ensino para Jovens e Adultos- EJA.

A escola possui esse nome Maria Batista Lopes em homenagem a uma professora, nascida no dia 09 de novembro de 1960, no Estirão do Equador, município de Atalaia do Norte. Enquanto professora, marcou seu brilhantismo alfabetizando e trabalhando nas séries iniciais. Destacou-se também nos cursos de pós- formação. Foi acometida de Hepatite tipo B. Após muita luta, faleceu na cidade de São Paulo aos 17 de março de 1994, quando estava a caminho do transplante de fígado.

### **2.4. Tipo de Pesquisa**

A pesquisa embasou - se na pesquisa bibliográfica e descritiva. A bibliográfica abrange trabalho já publicados com a devida temática que contribuirá de forma significativa ao fornecer dados sobre o tema em tela, como ressalta Marconi e

Lakatos (2010, p. 166), a “pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito”.

Nessa linha de pensamento Boni (1971, p.103), diz que:

A bibliografia pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizam suficientemente e tem por objetivo permitir ao cientista reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

Diante desta citação, vimos à importância da pesquisa bibliográfica para o estudo do objeto, porque ajudou a investigadora a se aprofundar na sua pesquisa, e buscará ter conhecimentos acerca da investigação.

Após detalhar a pesquisa bibliográfica, a monografia embasou - se na pesquisa descritiva que segundo Gil “a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (1946, P. 45). Por meio dessa, buscou descrever qual o papel do professor frente a dislalia no processo de ensino e aprendizagem.

## **2.5. Técnica de procedimentos**

Para a obtenção de dados para este trabalho utilizou - se a técnica e instrumento de dados, tais como: questionários com perguntas fechadas e abertas para os professores do Ensino Fundamental. Segundo Marconi e Lakatos “o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (2010, p. 184). Ressalta-se que por meio dos questionários obteve - se bons dados que foram primordialmente importantes.

E após as informações, os dados foram analisados qualitativamente, proporcionou a pesquisadora uma panorâmica de respostas de acordo com as questões aplicadas. Como promulga Fonseca (1990 p. 88-89), “a análise qualitativa são os estudos nos quais os dados são apresentados de forma verbal ou oral em forma de discurso”. Dessa maneira, sistematizamos as questões incomuns e buscamos autores que argumentam sobre tal resultado.

## **2.6. Sistematização e resultados**

O questionário, foi um instrumento essencial para a coleta dos dados, nelas continham as repostas que queríamos alcançar, após o recebimento destes questionários entregues aos autores (professores e fonoaudiólogo), criamos uma tabela de informações para novamente se ter estudos e análises. Com a tabulação, classificamos e descrevemos os possíveis resultados que estão descritos no capítulo III.



### **CAPÍTULO III- RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este capítulo apresenta os resultados encontrados na pesquisa em questão, referindo-se aos dados discutidos e analisados a partir dos questionários aplicados aos professores e fonoaudióloga. Foram aplicados questionários a quatro professores, e a uma fonoaudióloga que colaboraram de fato com este trabalho.

O capítulo III, mostra um texto dissertativo de resultados, coletados pelos educadores e fonoaudióloga. Vamos tratar dos desafios, dificuldades que os educadores enfrentam na sala de aula com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, dentre eles a dislalia.

Ao se falar de dislalia, temos que pôr fim descrever a inclusão. A educação inclusiva foi citada pela primeira vez em 1994, em Salamanca, na Espanha, durante a Conferência Mundial de Educação Especial. Nesta ocasião foi redigida e Declaração de Salamanca, que tem papel crucial no processo de inclusão, tanta para pessoas com necessidades educativas especiais quanto para distúrbios de aprendizagem. (COELHO, 2003).

Por meio dessa fica assegurado o direito, as pessoas com necessidades especiais, a educação e as condições necessárias para a aprendizagem. Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades (UNESCO, 1994).

A inclusão em ambiente escolar é indispensável para o melhor desenvolvimento da criança dislállica. Pode-se definir como inclusão escolar, o processo pelo qual todos são acolhidos e atendidos independente de suas diferenças físicas, sociais, culturais e de eventuais dificuldades de aprendizagem (GOMES, 2011).

Diante do colocado, vamos apresentar o perfil do professor que está trabalhando com estas crianças na escola na tabela abaixo.

---

**TABELA 01- PERFIL DOS EDUCADORES**

---

Idade	30 a 53 anos 4 professores tem entre 30 à 40 anos e 1 professora tem
-------	---

---

	53.
Onde nasceu	Os professores pesquisados são 02 de Atalaia do Norte, 01 do município de Tabatinga, e 02 de Benjamim Constant.
Estado civil	Todos os professores responderam que são solteiros.
Tempo de função no magistério	O tempo de magistério dos professores varia de 11 a 25 anos.
Escola pública ou particular	5 professores exercem sua função em escola pública.
Formação	Ciências Biológicas, Normal Superior e Pedagogia

**Fonte:** Ângela Martins Ponce/2022

Observando a tabela acima, percebemos que os professores têm uma caminhada de experiência na sala de aula com estudantes já por um longo período. O tempo faz com que aprendamos cada vez mais na troca de saberes uns com os outros, até mesmo com nossos estudantes.

Quando vamos investigar qualquer sujeito de uma pesquisa, é preciso conhecer mais acerca do sujeito. Percebemos que os educadores são migrados de seus municípios de origens, em busca de um trabalho ou formação. Sabemos que os municípios de Atalaia do Norte e Benjamin Constant, já tem sua própria herança educacional. Desta forma, há um encontro de saberes, vindouros de experiências antigas a novas experiências.

Nóvoa (2015) afirma: Todos os educadores trabalham em escola pública, cada um traz uma formação específica em Ciências Biológicas, Normal Superior e Pedagogia. A formação do professor é a base do conhecimento, seja qual for sua licenciatura ele já está preparado para atuar na prática de sala de aula. Mesmo sabendo que as disciplinas teóricas, contribuem para o aperfeiçoamento da pessoa, mas o que de fato vai ser empírico é o momento que este educador começa a enfrentar desafios na sua sala de aula. Este momento do cenário educacional é que vai fazer com que o professor a identifique com as perspectivas e desafios encontrados na sua sala de aula.

Como diz o educador português António Nóvoa (2015, p):

O professor tem de ajudar o aluno a transformar a informação em conhecimento. O que define a aprendizagem não é saber muito, é compreender bem aquilo que se sabe. É preciso desenvolver nos alunos a capacidade de estudar, de procurar, de pesquisar, de selecionar, de comunicar. Para isso, o professor é insubstituível.

Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registo

das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão.

Ser professor é atualizar-se no presente, buscar alternativas que venham contribuir para o ensino dos alunos, compreender com empatia o próximo, nas suas particularidades. Afinal ensinar hoje é todo dia está avaliando processualmente sua prática na sala de aula, construindo e recriando seu planejamento.

A construção de competências, para se efetivar, deve se refletir nos objetos da formação, na eleição de seus conteúdos, na organização institucional, na abordagem metodológica, na criação de diferentes tempos e espaços de vivência para os professores em formação, em especial na própria sala de aula e no processo de avaliação. (BRASIL, 2001, p. 18).

Destaca a citação acima, que o profissionalismo exige do docente não só o domínio dos conhecimentos específicos, em torno os quais deverá agir, avaliando cooperativamente a comunidade profissional a que pertence. Levando em consideração a aprendizagem. Recriar espaços de vivência, é estar atuando frente a realidade em tempo real com histórias e evidências de vida dos alunos.

A aprendizagem, requer atenção, cuidado com o que se vai transmitir ao ensinar. O aperfeiçoamento está no saber fazer. Os desafios diários são indicadores do que devem melhorar enquanto profissional da educação. Superar uma dificuldade está no ato do fazer de cada professor. Se o professor acredita que a aprendizagem depende do desenvolvimento, que é necessário que a criança atinja um nível maturacional para que possa aprender determinado conteúdo, certamente organizará o ensino com base em conteúdo, que se encaixem nas estruturas cognitivas do aluno.

“A aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente. (VYGOTSKY, 1991, p. 47) ”.

O autor colabora afirmando que a aprendizagem ocorre em todo momento da vida do ser humano, cabe ao professor provocar mudanças comportamentais, ajudando o aluno a conhecer as suas necessidades e a autodirigir a sua educação em direção a realização do potencial humano. Para tanto, vamos conhecer na tabela abaixo a segunda questão abordada pelos educadores.

**TABELA 02- Alunos com Dislalia na sala de aula.**

Não	01 professor nunca teve aluno com dislalia
Sim	01 professora disse que sim, que tem alunos com dislalia na sala de aula
Já teve	03 professores comentam que já tiveram alunos dislállicos na sala de aula.

**Fonte:** Ângela Martins Ponce/2022.

Os professores que participaram desta pesquisa, já tiveram contato com crianças que apresentaram a dislalia, apenas um nunca teve contato. Portanto, já obtiveram, experiências na sala de aula. Compreender a dislalia não é simplesmente avaliar a fala errônea, é um conjunto de fatores que o levaram a dificuldade da fala. Ensinar alunos que possuem distúrbios de aprendizagem requer paciência por parte dos professores, que muitas vezes não receberam capacitação adequada, desta forma enfrentando diversos desafios durante a inclusão. O respeito também deve ser trabalhado em ambiente escolar para que o processo de inclusão seja efetivo e os alunos portadores de distúrbios não sejam discriminados (BORBA e BRAGGIO, 2016,p.54).

Quando questionamos os educadores sobre como era realizada a avaliação escolar dos estudantes que apresentam dislalia, os mesmos responderam:

(Prof.1): a avaliação era de forma contínua, buscava trabalhar todos os dias com a parte da linguagem e correção de palavras.

Segundo Vasconcellos (2000,p.71),

A avaliação é um processo abrangente da existência humana que implica reflexão sobre a prática, no sentido de diagnosticar seus avanços e dificuldades e, a partir dos resultados, planejar tomada de decisão sobre as atividades didáticas posteriores. Nesse contexto, a avaliação deveria acompanhar o aluno em seu processo de crescimento, contribuindo como instrumento facilitador da aprendizagem. A avaliação não precisa ser algo ameaçador para o aluno e sim uma maneira de ajudar a progredir com sua aprendizagem.

(Prof. 2): Primeiramente faz o diagnóstico para identificar, depois avalia com jogos e brincadeiras, sendo orais e escritas. Sobre isso, Luckesi (2002, p. 5) aborda:

Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva. O ato de avaliar tem seu foco na construção dos melhores resultados possíveis, enquanto o ato de examinar está centrado no julgamento de aprovação ou reprovação. Por suas características e modos de ser, são atos praticamente opostos; no entanto, professores e professoras, em sua prática escolar cotidiana, não fazem essa distinção e, deste modo, praticam exames como se estivessem praticando avaliação.

Lidar com alunos que apresentam distúrbios de aprendizagem em sala de aula é uma realidade cada vez mais comum para os professores. Por isso, é fundamental conhecer algumas metodologias que contribuam para que o desenvolvimento escolar não saia prejudicado.

Torna-se um desafio para o professor, é preciso que haja uma leitura desta temática “Dislalia”, uma vez que ele deva atuar na parte pedagógica, mediando suas alternativas e recriando atividades que possam favorecer o desempenho do aluno.

Além disso, também é preciso entender a origem do problema, investigando os motivos e o que pode ser feito para superar a situação. Assim, o educador deve encontrar as melhores abordagens, compreendendo que cada estudante tem um ritmo próprio para aprender.

(Prof. 3): promove a estimulação da percepção auditiva, para que assim, o aluno possa identificar e corrigir sua emissão de fonema, sílabas, palavras e frases.

O educador acima, atua conforme a sua formação de ensino, buscando estimular a fala da criança dislática, por meio da percepção auditiva, levando o aluno a compreender as palavras quando pronunciadas e articuladas na divisão dos fonemas.

Quando se encontra um paciente dislático, deve-se examinar os órgãos da fala e da audição a fim de se detectar se a causa da dislalia é orgânica (mais rara de acontecer, decorrente de má-formação ou alteração dos órgãos da fala e audição), neurológica ou funcional (quando não se encontra qualquer alteração física a que possa ser atribuída à dislalia).

Temos que compreender que existem muitos fatores que afetam a criança e, que podem surgir na primeira infância, podemos destacar algumas causas: separação dos pais quando pequenos, ciúmes de um irmão, meio do contato social que falam erroneamente.

O que podemos ressaltar nesta questão é que os professores não estão preparados para atender de forma específica esta dificuldade.

(Prof. 4): não respondeu. Este educador, não buscou colaborar muito com os questionários. Mesmo este professor não respondendo à questão, percebe-se que este professor não busca saber sobre problemática da sua turma.

(Prof. 5): ainda não trabalhou com crianças dislática, somente com cadeirantes e surdos. O referido professor, não tem esta experiência ainda, mas

atuou com responsabilidade quando em sua sala de aula estavam outras necessidades educativas.

A partir do momento em que a escola adota como compromisso o respeito a diversidade e as diferenças individuais, adaptando o seu currículo, modificando os recursos metodológicos e do meio, estará vencendo um grande desafio, introduzindo os professores a aprender a crescer como pessoas.

Hoje, torna-se fácil estudar tal assunto na internet, somos movidos a descobrir as causas e também os tratamentos que podem ocorrer para a melhoria destas dificuldades dislalia. Portanto, o trabalho docente pode contribuir criando um plano de aula específico e direcionado para superar as dificuldades pedagógicas como jogos e exercícios, que estimulam as habilidades cognitivas. Para isso, é preciso organizar e preparar os alunos previamente, resumindo como se darão as práticas e apresentando as expectativas de aprendizagem e de comportamento esperados.

Esta organização se dá no ato da construção de um currículo escolar, o qual deva estar diretamente relacionado as expectativas multiculturais e trabalhar de forma a valorizar e respeitar as diferenças. A escola precisa abrir espaços para que estas representações, que tem sido silenciada e excluída na sociedade, possam entrar e serem conhecidas como culturas presente no dia a dia. “os professores precisam ter oportunidades de se organizarem coletivamente para melhorar as condições a que trabalham, (GIROUX, 1997, p. 58).

Na questão de nº 04, questionamos se havia uma equipe multidisciplinar que atua frente a questão da dislalia.

Dos cinco professores, apenas um afirma que já houve uma equipe multidisciplinar atuando na escola. Os demais educadores disseram que não.

Observa-se que há realidades diferentes, e que as crianças deveriam ser acompanhadas por esta equipe, mas, o sistema de ensino de Tabatinga, oferece apenas uma equipe biopsicossocial na SEMED, para atender professores e funcionários, mas não temos uma equipe que possa atender nossos alunos, a não ser a equipe do CIEEI. - Centro Integrado de Educação Especial. Este centro, atende as crianças da rede de ensino e as que lá estudam.

Na próxima tabela, vamos conhecer de que forma os professores estimulam as crianças dislíticas no ensino.

**TABELA 03- Estimulação da linguagem das crianças com Dislalia pelos professores**

Prof. 01	Trabalha com respeito as diferenças Articula bem as palavras
Prof. 02 e 03	Solicitou fonoaudiólogo com os pais O aluno possui laudo médico Trabalha com respeito as diferenças Evita constrangimento de chamar atenção na fala Articula bem as palavras na sala com os alunos Oferece oportunidade da criança se expressar por meio das provas orais e escritas. Brinca com jogos trava- línguas
Prof. 04	Trabalha com respeito as diferenças Evita constrangimento de chamar atenção na fala Articula bem as palavras Oferece oportunidade da criança se expressar por meio de provas orais e escritas.
Prof. 05	Não respondeu nada.

Fonte: Ângela Martins Ponce/2022.

Quando questionamos ao professor sobre o que ele usa na sala de aula como estimulação as crianças com dislalia, temos uma panorâmica desta tabela acima. Em uma turma de aproximadamente 35 alunos numa sala de aula, vamos ter uma pluralidade de problemas que podem acarretar dificuldade para a aprendizagem de algumas.

As dificuldades mais expressivas é a leitura e a escrita. Os fatores que causam isso podem ser inúmeros como: falta de atenção, disgrafia, dislalia, necessidades educativas especiais, problemas no córtex cerebral, entre outros. No entanto, uma das manifestações de maior descontentamento entre professores é que os alunos “não sabem ler”, “não gostam de ler”, “não aprendem a ler”, “não entendem o que o professor diz”. Portanto, o tema leitura está mais associado à ideia de fracasso que de sucesso.

É importante ressaltar que a leitura é a base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Nesta perspectiva, cada professor deve ter clareza de que educa e ensina para o desenvolvimento das potencialidades do ser, tanto individual como social. Para isto, é necessário que o professor apresente uma nova

postura, buscando o aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos aplicados à leitura e, principalmente, fazendo reflexões sobre o significado do ato de ler.

Na obra “Estratégias de Leitura”, Isabel Solé tem a leitura numa perspectiva interativa, segundo a qual escreve:

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias (SOLÉ, 1998, p.23).

Os professores relatam que para estimular a linguagem das crianças, precisam utilizar de várias estratégias de trabalho, percebe –se que o professor ainda não se encontra preparado para atender as especificidades dos alunos que podem apresentar tais dificuldades e necessidades. O desafio destes professores é árduo, porém, é preciso atuar de forma correta nestes casos bem mais definidos.

Segundo os professores, o primeiro passo dos educadores para estimular a criança que apresenta dislalia foi reconhecer o respeito as diferenças entre os demais colegas da turma. O segundo passo foi evitar constrangimento de chamar atenção na fala da criança, pois, cada criança tende a ter seu próprio vocabulário e assume sua riqueza de palavra da forma em que convive ao meio familiar e também ao meio social. Neste caso, o professor vai perceber a diferença dessa fala, procedendo de não chamar atenção na frente dos outros colegas.

O terceiro passo de estimulação é atuar na sala a pronuncia na hora da comunicação da fala e ao transmitir o ensino, buscando articular as palavras com os alunos. O quarto passo é solicitar paralelo aos passos anteriores, um profissional que venha colaborar na emissão da fala, que é o fonoaudiólogo. Este profissional segundo os educadores fica no Centro de Educação Especial e Inclusivo, localizado como ponto de atendimento aos estudantes da rede municipal de ensino. Neste centro, são atendidas as crianças com necessidades educativas especiais, nas suas diversas deficiências. Para tanto, ao se diagnosticar está dificuldade na escola, chama-se este profissional para atuar frente aos exercícios.

O quinto passo deste problema é a metodologia do professor. Portanto, eles citaram que oferecem oportunidade de a criança se expressar por meio de provas orais e escritos, além de realizarem jogos próprios como: trava línguas.

Perguntamos sobre a Dislalia como um transtorno de linguagem, quando diagnosticado, como podem desenvolver melhor seus estudos?



(Prof.01): com a ajuda dos pais poderemos ter um bom desenvolvimento em seus estudos.

O aluno, quando inicia o seu processo educacional onde os pais, ou professores ou até mesmo a escola, percebendo que apresenta algumas dificuldades em sua aprendizagem, é indispensável que seja feito um acompanhamento deste aluno com um olhar diferenciado observando se os sintomas são momentâneos ou se persistem ao longo do tempo.

Atualmente grande responsabilidade é acarretada pelo professor, porém, os pais deixam nos dias de hoje que os professores sejam responsáveis para educar seus filhos de forma geral.

(Prof. 02): por meios das atividades orais e escritas, com fins de favorecer a aprendizagem.

A expressão dificuldades de aprendizagem é muito para descrever uma série de incapacidades relacionadas com o insucesso escolar. As atividades pedagógicas orais e escritas, são mediadas no dia a dia pelos professores, como base cotidiana de avaliação.

(Prof. 03): com a atenção dos pais, profissionais da saúde que auxiliem um bom atendimento, dando ênfase na oralidade em sala de aula.

Outro ponto é analisar a realidade familiar e aproximar-se dos pais e responsáveis pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer o posicionamento e a compreensão que a família tem sobre a situação, uma vez que essa informação pode ser decisiva para enfrentar as dificuldades.

Para atender a estas dificuldades, necessitamos que a escola trace um meio de informação e orientação a fim de colaborar e exercer o apoio pedagógico necessário. Uma forma de fazer isso é a direção oferecer atendimento psicológico para a família, com o intuito de auxiliar diretamente sobre os distúrbios de aprendizagem. No qual, a família também não tem conhecimento sobre essas dificuldades.

(Prof. 04): por meio de materiais lúdicos. O professor estimula a criança por meio de materiais lúdicos, que venham proporcionar a atenção, a percepção, o raciocínio e o desenvolvimento humano.

(Prof. 05): o professor tem que assumir um papel de apoio para que esse aluno tenha mais atenção em sala de aula e, com essa ajuda, com certeza o aluno terá mais liberdade de expressão.

Muitos indicadores vamos obter nestas respostas acima, sendo que o professor possa criar condições de ser um mediador que favoreça a interação, a segurança, a confiança, auto estima e liderança.

Diante deste cenário é necessário investigar as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, principalmente aquelas oriundas da classe desfavorecida economicamente, que ao mesmo tempo, está incluída e excluída dentro da escola e da sociedade como um todo. Nessa perspectiva, os princípios inclusivos devem ser ampliados a todos os indivíduos, independentemente de suas condições econômicas, sociais e cognitivas, adequando a prática pedagógica à diversidade dos alunos.

Ao perguntarmos se a escola planeja uma proposta pedagógica para estes alunos.

(Prof. 01): no momento ainda não há nenhuma proposta desenvolvida para atender a este transtorno.

(Prof. 02): não respondeu.

(Prof. 03): afirma que não há proposta pedagógica, pois, para realizar alguma metodologia, é necessário a escola ter ciência para poder intervir. Geralmente os pais não tem conhecimento sobre o assunto.

Diante de tais possibilidades, a escola, ao construir sua Proposta Pedagógica e rever o Regimento Escolar, deve fazê-lo considerando o aluno disléxico. Não é necessário que alunos disléxicos fiquem em classe especial. “A participação dos pais é fundamental, para que seja desenvolvido um trabalho onde participam pais, escola, fonoaudiólogo, fornecendo assim, um ambiente propício para a aprendizagem’ (ESTILL, 2004,p.56).

A escola, como um espaço de aprendizagem, é responsável pela formação, alfabetização e letramento dos alunos, tendo, portanto, o cargo de adaptar os currículos escolares, desenvolvendo metodologias, objetivos, conteúdos e avaliações adequadas à necessidade de cada um (MELO et al. 2006).

Examinar a prática pedagógica objetivando identificar as barreiras para a aprendizagem é um desafio a todos nós educadores que, até então, as temos examinado sob a ótica das características do aprendiz. Suas condições orgânicas e psicossociais têm sido consideradas como os únicos obstáculos responsáveis pelo seu insucesso na escola (CARVALHO, 2000, p. 60).

Nos dias de hoje, a grande maioria dos professores compreende que sua prática pedagógica é determinante para a aprendizagem do aluno.

(Prof. 04): Atualmente a escola disponibiliza apenas um mediador. Não especificamente para a Dislalia. E não tem conhecimento se há uma proposta pedagógica específica somente para Dislalia.

(prof. 05): buscando adaptar materiais e atividades de acordo com o transtorno (Dislalia), que a criança apresenta.

A proposta pedagógica é articuladora das intenções educativas; ela define os conteúdos, os meios e, inclusive, as competências e os recursos. É a proposta pedagógica que vai dar tratamento ao conhecimento científico, às práticas educativas e, enfim, aos objetos de conhecimento, transformando-os em algo que possa ser ensinado; isso se dá por meio da Transposição Didática (FORQUIN, 2003. p. 76).

No desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, é o formador que constrói o contexto avaliativo, planeja e pensa na forma mais adequada de viabilizar o conteúdo aos alunos, pensando principalmente como eles aprendem. Ele seleciona os recursos didáticos, a sequência em que serão enfocados os textos, os trabalhos em grupo, os exercícios, etc. Também elabora os testes, as perguntas e os demais procedimentos e, no exercício de avaliar e analisar os estudantes, revela seus valores morais, sua concepção de compromisso de aprendizagem e participação.

**TABELA 04- Há intervenção pedagógica?**

Prof. 01 e 04	Não
Prof. 02, 03 e 04	Sim

Fonte: Ângela Martins Ponce/ 2022.

Em uma questão perguntamos: Que atividades você desenvolve na sua sala de aula frente a Dislalia?

Os professores responderam que realizam atividades que estimulam a consciência fonológica; Atividades pedagógicas; Atividades de desenvolvimento da fala. Afirmam que na escola não tem recursos multifuncionais; que a criança tem dislalia, mas desconhecem suas características, apenas apresentam problemas na fala. Como afirma NAVARRO:

Quando uma criança apresenta uma desarticulação em sua linguagem, tanto omitindo, acrescentando ou distorcendo os fonemas e palavras, podemos dizer que a mesma apresenta uma dislalia que precisa ser acompanhada por um adulto de forma atenta para não comprometer sua comunicação e possíveis desconfortos emocionais e relacionais com outros indivíduos (NAVARRO, 2006, p.56).

Cabe aos pais, em primeiro lugar, perceber as dificuldades que a criança apresenta, para que esta receba o atendimento especializado necessário o quanto

antes para que problemas futuros sejam evitados precocemente. Caso contrário, a criança poderá ter dificuldades na escola se esta não observar as dificuldades e não providenciar atendimento específico.

### **3.1 O papel do fonoaudiólogo**

Em entrevista por meio do questionário a fonoaudióloga, Dr. Ana Cássia Vargas, natural da cidade de Tabatinga- AM, atua nesta profissão há 10 anos, casada, trabalha com crianças disléticas, afirma que é uma profissional que realiza o trabalho de avaliar, diagnosticar e reabilitar os distúrbios de comunicação humana. Portanto, o trabalho conjunto com o docente se torna necessário para o melhor desempenho do aluno.

Ela declara que os problemas podem estar relacionados ao seu meio familiar ou social ou, até mesmo, a falta de incentivos e estímulos da vida. Divulga na questão que, seu trabalho na educação não é recente, que já tem uma longa caminhada de dez anos atuando com crianças, principalmente no Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva.

O papel do fonoaudiólogo que trabalha na área da linguagem é proporcionar o desenvolvimento das habilidades da criança e a sua inclusão social. Ele deve fazer o estudo, a avaliação, o diagnóstico do distúrbio e prosseguir com o tratamento dos transtornos relacionados à comunicação oral e escrita. Para o tratamento ser efetivo, é preciso que o fonoaudiólogo conheça os métodos e abordagens mais adequados para cada situação e faixa-etária. Toda criança é única, por isso é tão importante que o terapeuta conheça o pequeno paciente a fundo e estabeleça uma conexão com ele para saber de suas reais necessidades.

A fonoaudióloga se dedica à área clínica atendendo crianças com algum tipo de dificuldade na aquisição da linguagem oral, escrita e leitura. Boa parte das crianças possuem algum diagnóstico de síndrome ou transtorno, como Síndrome de Down, paralisia cerebral, autismo e déficit de atenção. Ela defende que a criatividade para inovar nos métodos usados durante o tratamento é essencial para que ele seja efetivo. (JAKUBOVICZ, 1979)

Quando perguntamos se é possível identificar a Dislalia na criança e como identificamos, a fonoaudióloga, ressalta que sim, que se torna identificável através

da **anamnese**<sup>2</sup> e avaliação da conversa espontânea e automática por meio de questionários e da articulação das palavras.

“Há crianças que passam muito tempo em terapia: fazem fisioterapia, terapia ocupacional, psicopedagoga, fonoaudiologia [...]. Elas ficam extremamente cansadas quando os exercícios são feitos de forma mecânica e repetitiva”, diz a fonoaudióloga, que busca sempre utilizar métodos lúdicos para tornar o tratamento mais prazeroso.

“Mesmo com a grande variedade de materiais disponíveis no mercado, é preciso ter criatividade para adaptar as atividades para além daquilo que é proposto inicialmente. De acordo com a faixa-etária e o desafio específico do paciente naquele momento, procuro usar os recursos sempre de formas diferentes”, defende a especialista.

Perguntamos se é possível identificar problemas de aprendizagem? Como? Segundo a especialista, se torna possível através de avaliação dos seus conhecimentos prévios e acadêmicos, histórico do rendimento escolar, acompanhamento com restante da turma, e o que é esperado pela sua idade escolar.

Vale adiantar, no entanto, que a função exercida pelo fonoaudiólogo é completamente multidisciplinar, sendo que ele é responsável por dar as coordenadas aos demais especialistas (principalmente por estar por dentro da demanda do paciente). O fonoaudiólogo é responsável por traçar, junto com as diretrizes da equipe pedagógica, exercícios que trabalhem a oralidade. Sendo assim, o profissional utiliza materiais gráficos para estimular a leitura e, assim, analisar os problemas apresentados pela criança. Outro fator importante é a associação das funções do fonoaudiólogo ao planejamento escolar, sendo que a comunicação do estudante é um detalhe primordial de todo o processo pedagógico. Contudo, esses profissionais não pertencem à área pedagógica, mas representam uma importante parceria na proposição de soluções que visem dar à criança melhores resultados em sua linguagem.

Indagamos se os problemas de linguagem prejudicam o aprendizado escolar. Segundo a fonoaudióloga, consideravelmente sim, pois, são áreas que estão interligadas, o vocabulário fonêmico da criança tem que está completo até aos cinco

---

<sup>2</sup> É uma entrevista realizada pelo profissional de saúde ao seu doente, que tem a intenção de ser um ponto inicial no diagnóstico de uma doença, ou uma resposta humana aos processos vitais.

anos de idade, para que ela possa iniciar as outras fases da alfabetização sem maiores prejuízos, acarretando nas dificuldades de aprendizagem.

Quando o fonoaudiólogo estabelece uma determinada comunicação com a escola, o trabalho tende a ficar completo. Isso acontece, pois, junto com a equipe pedagógica, ambas as partes podem desempenhar metodologias que compreendam aspectos importantes no processo de aprendizagem, como a alfabetização. Cada um em sua devida área de atuação.

Em casos mais extremos, é de grande relevância que o profissional conte também a ajuda de psicólogos para ajudar na identificação dos problemas que afligem a criança. Esses episódios podem envolver gagueira, bloqueio de comunicação ou qualquer outra alteração na fala. (JAKUBOVICZ, 1973).

Questionamos se toda criança que não aprende devido a dislalia, pode ter algum outro problema.

A fonoaudióloga responde que nem sempre, essas são questões que devem ser avaliadas junto a criança e seus responsáveis para descobrir o real motivo de sua dificuldade, se são emocionais, sociais ou neurobiológicas.<sup>3</sup>

Em entrevistas, formulamos uma pergunta bem interessante: Como você trabalha para melhorar a dificuldade da criança com dislalia?

Em resposta obtivemos que, realiza acompanhamento fonoaudiólogo, tratando a dificuldade articulatória de cada criança, seguindo o vocabulário fonêmico esperado para tal idade, com instalação e automatização dos fonemas alterados, adequando a sua inteligibilidade de fala.

O fonoaudiólogo procura exercer suas atividades por meio de técnicas que envolvem o aspecto lúdico, como textos próprios para a infância e até jogos que estimulem a fala do pequeno. Vale ressaltar que o profissional também pode utilizar exercícios que haja diretamente na musculatura que estejam ligados à fala e à audição.

O tratamento fonoaudiológico é realizado o fortalecimento dos músculos fonoarticulatórios localizados nos lábios, língua e bochechas. Na sequência, a criança é estimulada a desenvolver algumas competências como a sensação e a capacidade de sentir os sons, aptidão para reconhecer o som, a autoconfiança e o crescimento pessoal.

---

<sup>3</sup> Como o cérebro interpreta, compreende e aprende as informações dos contextos investigados e apresentados sobre estímulos emocionalmente competentes e o processo de aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores trabalhados neste TCC, ressaltam que o professor deve estar atento aos erros dos alunos, para evitar possíveis constrangimentos dentro e fora da sala de aula. Por fim, a relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, é uma relação recíproca na qual se destacam o papel do professor e a atividade dos estudantes. O ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem, pois tem um caráter pedagógico, ou seja, o de dar um rumo definido para o processo educacional que se realiza no ambiente escolar.

A dislalia não compromete a atuação profissional de uma pessoa, a pessoa com dislalia pode (como qualquer outra pessoa) ser um profissional competente em qualquer área de atuação. Aliás, em termos de habilidades cognitivas, geralmente, as pessoas com dislalia se destacam. Uma vez garantido o acesso à informação (interpretação), tudo mais no processo educacional correrá normalmente.

Empregando metodologias apropriadas de tratamento, na sala de aula a dislalia pode ser vivenciada pelos próprios alunos, pais e professores, vale destacar que a dificuldade de aprender não está apenas no aluno, depende das metodologias utilizadas para atender suas necessidades.

As dificuldades e os distúrbios de aprendizagem vêm, ao longo dos anos, se tornando um tema de pesquisa cada vez mais recorrente na área de educação. Diante disso, a instituição de ensino precisa investir, constantemente, na formação de sua equipe pedagógica, por meio de reuniões, oficinas, estudos debatidos diversos tópicos com diferentes metodologias de ensino, possibilitando o aprimoramento da prática docente.

A pesquisa mostrou que é preciso que cada vez mais os educadores precisam estar conectados ao conhecimento, buscando atender as crianças com dislalia, entendeu nesta pesquisa que os professores estão parcialmente despreparados para atender os alunos, dificultando, portanto, o processo de aprendizagem. É importante salientar também, que o trabalho junto à dislalia deve ser coletivo e de parceria, entre família, escola e demais profissionais.

Esse processo de aprendizagem não sendo de forma satisfatória está na hora do profissional de educação investigar juntamente com a escola e com a família como pode ser identificado o problema se é uma dificuldade de aprendizagem devida algum trauma ou medo, ou se é algo relacionado a um distúrbio neurológico

que apenas profissionais da área da saúde habilitados poderão responder e destacar os motivos do fracasso escolar.

Para que todos os alunos tenham condições para a aprender, é necessário, não apenas a capacitação dos educadores, mas também, de todos os funcionários da escola, pois a mesma precisará passar por modificações muitas vezes em sua estrutura física e metodológica. Além disso, para que o tratamento seja igualitário, há uma necessidade de se trabalhar a importância do respeito no processo de inclusão (ROCHA, 2009, p.27).

O tema tratado é grande relevância levando em conta que a maioria das crianças no momento de serem alfabetizadas apresentam certa dificuldade de aprendizagem podendo ser cognitiva, na fala, na escrita, na aritmética (matemática) todo educador deve estar atento e preparado a enfrentar tais situações.

O estudo traz contribuições para os profissionais envolvidos com a educação, pois pode esclarecer dúvidas de educadores em relação a aprendizagem desses alunos. A pesquisa deixa pistas de que a busca por novas estratégias de ensino deve continuar, pois, cada aluno traz diferenças e particularidades próprias.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em ciências sociais**, revista eletrônica em Tese. Vol. 2 nº 1 p. 68-80 jan.-jul. de 2005.
- BORBA, A. L; BRAGGIO, M. A. **Como interagir com o disléxico em sala de aula**. Associação Brasileira de Dislexia-ABD, São Paulo, set. 2016. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/>>. Acesso em: 20 out. 2019.
- BUENO, Camila Silva. **A dislalia e suas consequências no processo de aprendizagem**. Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UnieEvangelica. 2018.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. 5 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000.
- CORREIA, L., M. **Para uma definição portuguesa de dificuldades de aprendizagem específicas**. Rev. bras. educ. espec., Marília. v. 13, n. 2, p. 155-172, Ago. 2007.
- CORREIA, O. L. R. **Fundamentos metodológicos em EJA I**, Curitiba. 2009. 108p.
- DSM-V: **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno: DSM5**. Association, trad. Maria Ines Correa Nascimento, et. al: revisão técnica: Aristides Volpato. Porto Alegre. Artmed, 2014, 31.p. 25.
- EBERHART, Daiane; CAUDURO, Maria Teresa. **Aspectos Relevantes Para Trabalhar Com O Transtorno Da Dislalia**. In: Educação física e pedagogia [ebook]: um encontro possível / Organizadoras: Maria Teresa Cauduro, Eliberto Lanza Cavalheiro. – Frederico Westphalen, RS: URI – Frederico Westph, 2013.
- ESTILL, C. A. **Dislexia em sala de aula: o papel fundamental do professor**. Revista Sinpro, Rio Janeiro, ano 5, n.6, abr. 2004.
- FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos**, 4ª edição. Manaus: editora Valer, 2010.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**, coordenado pela universidade aberta do Brasil-UAB/UFRGS e pelo curso de graduação tecnológica- planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/UFRGS.- Porto Alegre: editora da UFRGS,2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JAKUBOVICZ, Regina. Dislalia. In: **Avaliação, Diagnóstico e Tratamento em Fonoaudiologia: Disfonia, Disartria e Dislalia**. REVINTER. Ex. 2, 1997. Rio de Janeiro. RJ.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1993.

LIMA, Rosa. **Alterações nos sons da fala: o domínio dos modelos focéticos**. Saber educar. Porto: ESSE de Paula Franssinett. N° 13(2008).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais**. 2002. Disponível em: [http://www.luckesi.com.br/textos/art\\_avaliacao/art\\_avaliacao\\_eccos\\_1.pdf](http://www.luckesi.com.br/textos/art_avaliacao/art_avaliacao_eccos_1.pdf) acesso em: 28 de maio de 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria Lakatos, **Metodologia**, 7ª ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Ligia M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Tese de livre docência. Bauru, 2011.

Meneses, Maria Roseane Gonçalves; SOUZA, Eunice da Silva; SILVA, Jocilene, Maria da Conceição. **Distúrbio da fala no cotidiano escolar: Disfemia e Dislalia, considerações sobre os processos de aprendizagem e interação Interpessoal das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental**: In: Atas do 1º congresso internacional de psicologia, educação e cultura, desafios sociais e educação. Ed. ISPG- GAYA 2013.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Pedagogia tecnicista, **Revista educa brasil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/pedagogia-tecnicista/> acesso em: 15 de nov. 2018.

MENEZES, Maria Roseane Gonçalves de; SOUZA, Eunice da Silva; SILVA, Jocilene Maria da Conceição. **Distúrbios De Fala No Cotidiano Escolar: Disfemia E Dislalia, Considerações Sobre O Processo De Aprendizagem E Interação Interpessoal Das Crianças Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental**. In: Atas do 1º Congresso Internacional de Psicologia, Educação e Cultura Desafios Sociais e Educação: Culturas e Práticas / Organizadores: Leandro Almeida, Alexandra Araújo, Ana Paula Cabral, José Cruz, José Carlos Morais e Mário Simões. Vila Nova de Gaia, Edições ISPGaya – Junho de 2013, p. 67. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/274248506\\_Percepcao\\_de\\_aquisicao\\_de\\_conhecimentos\\_em\\_alunos\\_do\\_1\\_ano\\_do\\_Ensino\\_Superior\\_da\\_area\\_artistica](https://www.researchgate.net/publication/274248506_Percepcao_de_aquisicao_de_conhecimentos_em_alunos_do_1_ano_do_Ensino_Superior_da_area_artistica) Acesso em: 08/10/2020.

NASCIMENTO, Francisco de Assis do. **Como ocorrem os distúrbios da Linguagem oral e da comunicação na criança**. In: Psicologia. 2018.

NAVARRO, Adriana de Almeida. **Dificuldades de aprendizagem: manual de orientação para pais e professores**. São Paulo: Grupo Cultural, 2006.

Neuropediatra SP, 2019. Disponível em: <<https://drapaulagirotto.com.br/drapaulagirotto/>>. Acesso em:09/10/2020.

**NÓVOA**, Antônio. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. Disponível em: [https://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](https://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf). Acesso em: 06 de Maio de 2019.

**NÓVOA**, António. **Aprendizagem não é saber muito**. 27 de Abril de 2015. Disponível em: <https://www.cartaeducacao.com.br/entrevistas/antonio-novoa-aprendizagem-nao-e-saber-muito/>. Acesso em : 08 de Maio de 2019.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PUGLISI ML, Nogueira T. **Impacto do distúrbio específico de linguagem e do tipo de escola nos diferentes subsistemas da linguagem**, CoDAS 2019; 28 (4): 388-394.

ROCHA, Maria Angélica Moreira et al. Dislexia: atitudes de inclusão. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 26, n. 80, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862009000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000200009)>. Acesso em: 15 out. 2019.

SILVA, Jocilene. **Letramento, Linguagem e Inclusão: um estudo dislático em Maurício de Sousa**. ARTEFACTUM - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia,v. 13, n. 2, 2016. Disponível em:<<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1334/665>> Acesso em: 12/02/2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Mariana Castro, FONTANARI, José Fernando. **Dislalia na Escola – Psicologia da Educação II**. IFSC – Universidade de São Paulo, 2015.

SOUZA, Mariana Castro, FONTANARI, José Fernando. **Dislalia na Escola - Psicologia da Educação II**. IFSC – Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC0631-1/Dislalia%20na%20escola.pdf>> Acesso em: 20/03/2018.

SPINELLI, M. **Distúrbio do Desenvolvimento da linguagem**. In: Assunção FB, Jr, editor. Quando a inteligência não encontra palavras. Distúrbio específico de linguagem. São Paulo: LCTE: 2014, p. 13-23.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem e Distúrbios da Linguagem Escrita: Questões clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO AMAZONAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Eu Ângela Martins Ponce, acadêmica do Curso de Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Como pesquisadora venho por meio deste solicitar a sua colaboração para o preenchimento deste questionário. Comunicamos que sua identidade será mantida em sigilo. Não é obrigatório responder, sua colaboração será especial para a conclusão dos meus estudos.

Questionário aplicado aos professores.

Questão 01: Identificação pessoal.

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo de serviço:

Natural:

Estado Civil:

Reside em que município:

Trabalha com alunos que apresentam Dislalia?

Questão 02: Você tem alunos com Dislalia em sua sala de aula?

( ) Sim.

( ) Já tive.

( ) Não.

( ) Tenho Outros colegas que tem.

Questão 03: Se você já teve alunos com Dislalia como era realizada sua avaliação escolar?

Questão 04: Na sua escola, há uma equipe multidisciplinar que atua frente a essa questão?

( ) Sim.

( ) Não.

( ) Médico.

( ) Psicólogo.

( ) Fonoaudiólogo.

( ) Neurologista.

Questão 05: Como você estimula a linguagem das crianças com Dislalia? Marque:

- Solicitou fonoaudiólogo com os pais.
- O aluno tem laudo médico.
- Trabalha com respeito as diferenças.
- Evita constrangimento de chamar atenção na fala.
- Articula bem as palavras na sala com os alunos.
- Oferece oportunidade da criança se expressar por meio das provas orais e escritas.
- Brinca com jogos trava-línguas.

Questão 06: Sendo a Dislalia um transtorno da linguagem, como esse aluno diagnosticado pode desenvolver melhor seus estudos?

Questão 07: Como a equipe da sua escola planeja uma proposta pedagógica para estes alunos?

Questão 08: Há intervenção pedagógica?

- Sim.
- Não.

Questão 09: Que atividades você desenvolve na sua aula?

- Atividades que estimulam a consciência fonológica.
- Atividades de reabilitação.
- Atividades pedagógicas.
- Desenvolvimento na fala.

Questão 10: Na escola onde trabalha tem sala de recurso multifuncionais?

- Sim.
- Não.

Questão 11: Que tipo de Dislalia têm na sua sala?

- Audiógena.
- Na fala.
- Outros.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Eu Ângela Martins Ponce, acadêmica do Curso de Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Como pesquisadora venho por meio deste solicitar a sua colaboração para o preenchimento deste questionário. Comunicamos que sua identidade será mantida em sigilo. Não é obrigatório responder, sua colaboração será especial para a conclusão dos meus estudos.

Questionário aplicado ao(a) Fonoaudiólogo (a).

Identificação pessoal.

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo de serviço:

Natural:

Estado Civil:

Reside em que município:

Trabalha com alunos que apresentam Dislalia?

Questão 01: De que forma a (o) fonoaudióloga(o) pode colaborar com os temas do cotidiano escolar?

Questão 02: Toda criança que não aprende pode ter algum problema?

Questão 03: Seu trabalho na Educação é?

( ) Recente.

( ) Nunca trabalhou.

( ) Outras áreas.

Questão 04: É possível identificar a Dislalia na criança? Como?

Questão 05: É possível identificar problemas de aprendizagem? Como?

Questão 06: Problemas na linguagem prejudica o aprendizado escolar?

Questão 07: Toda criança que não aprende devido a dislalia, pode ter algum outro problema?

Questão 08: Como você trabalha para melhorar a dificuldade da criança com dislalia?